EXPEDIENTE.

Recebemos segunda copia de um artigo que datado de 10 de dezembro ultimo, havia sido em tempo enviado a esta redacção pelo Sr. Francisco Bernardo dos Sanctos, pharmaceutico da cidade do Porto, mas que nos não chegára á mão. — Pedimos a seu auctor desculpa de o não publicarmos, visto ser o seu contheudo de interesse demasiadamente particular, pois se limita a agradecer ao Sr. José Dionizio Corrêa o juizo, que elle em o nosso artigo 950 escrevêra sobre a traducção que do *Codigo Pharmaceutico* do Sr. Latterrade havia feito o mesmo Sr. Sanctos, rogando por esta occasião ao nosso correspondente, que por bem da sciencia e proveito da humanidade, aponte com franqueza os defeitos que na obra descobrir.

O artigo já foi remettido ao Sr. Dionizio Corrêa a quem verdadeiramente pertencia.

CONHECIMENTOS UTEIS.

NOVO CAFÉ.

1811 Não ha muito tempo que lemos em um jornal de Lisboa, que de batatas sêccas e torradas se fazia uma especie de café innocente e agradavel.

Entre incredulos e curiosos, resolvemo-nos a experimentar, mas, ou porque na receita faltasse alguma clausula essencial que não podiamos adivinhar, ou porque realmente a batata não fosse predestinada por Deus para tamanhos luxos, a nossa chávena ficou apenas libada, e as alviçaras, que já tencionavamos pedir a nossos leitores, perdidas.

Os grãos de bico, a cevada, o trigo, os tremoços e outros varios cereaes e legumes, que por motivos de economia ou hygiene, e muitas mais vezes por fraude de vendedores e botequineiros se costumam substituir em parte ao verdadeiro café da Arabia e da America, postoque mais ou menos insipidos, excediam todos ao da batata, quanto o de Mocka os desbanca a todos elles.

Hoje porém, sem pertendermos disputar-lhe a primazia, temos reconhecido pela experiencia que ha no reino vegetal quem o possa substituir por parte do agrado, sobrelevando-lhe talvez em innocente e até, segundo annuncios, em proveitoso. Este fructo seu competidor é a lande, glande ou bolota dôce, denominada bolota das Hispanhas. Torrada e moida, offerece esta, ainda sem mistura alguma de verdadeiro café, uma bebida suave ao olfato e ao paladar, e cujo sabor se casa perfeitamente com o do leite. Misturada porém com o café, destroe-lhe as qualidades irritantes, e leva os gabos até dos mais gastrónomos. Affirmam que tem decidida efficacia contra as enchaquêcas, dores de estomago e irritações nervosas, e que para os almoços das creanças nutre e fortifica.

Se o nosso povo fôra ou mais portuguez, ou mais economico, ou mais poetico, tres boas razões tinhamos á mão para o persuadirmos a tentar a novidade: — se fôra mais poetico dir-lhe-íamos que devia ser este o café da edade de oiro, e o digestivo das dryades e silvanos; — se mais economico, representar-lhe-íamos quanta despeza forraria cada familia na roda do anno: — e se mais portuguez, que avultadas sommas caminhariam para o Alemtéjo emvez de tomarem caminho do Brazil. Assim só nos resta como suasoria dizer, que muitos medicos francezes o aconselham, muita gente em Paris o gasta, e que por signal se vende n'aquella cidade já torrado e moido na *Passage des Panoramas N.° 3.*

Apontamos isto com miudeza porque não hão-de faltar ahi boas almas, das que mandam ensaboar e engommar a Londres, que só queiram beber bolotas, se forem torradas em Pariz.

O SEU A SEU DONO.

(Carta.)

1812 *Sr. Redactor.* — Tendo lido no passado numero da Revista Universal tão dignamente redigida por V. uma carta em que o meu illustre amigo o Sr. José Maria da Silva Leal promette dar alguns artigos sobre a sciencia dos trabalhos industriaes, ou technologia — sabendo eu quanto credito e gloria verdadeira e real lhe ha-de necessariamente resultar de um trabalho a tantos respeitos util, e certamente desempenhado com a proficiencia habitual do seu empreendedor — e constando-me finalmente que a similhança dos nossos nomes tem dado algumas vezes logar a serem-me attribuidos trabalhos de S. S.ª privando-o assim de um proveito legitimamente seu, julgo do meu dever declarar, que nenhuma parte tenho n'aquella mui proficua tentativa — que a gloria d'ella toda e sem restricção pertence ao Sr. José Maria da Silva Leal.

Sei que seria de grande credito para mim o attribuir-se-me similhante trabalho, sei que muito lucraria por este modo no conceito publico, mas sei tambem que não posso, por um facto casual e facilmente abusivo, continuar a defraudar assim a mais sagrada de todas as propriedades. O meu silencio n'este ponto importaria, n'uma parte da opinião, um roubo que nem desejo nem strictamente devo consentir.

Tenho a honra de ser com a mais profunda consideração

De V.

Venerador e admirador

José da Silva Mendes Leal Junior.

Calçada de S. André 18 de junho de 1843.

TECHNOLOGIA.

EDIFICIOS INCOMBUSTIVEIS.

1813 Debaixo d'esta epigraphe escreveremos tudo quanto houvermos de dizer sobre a industria, manufacturas, fabricas e officios, quer tractemos da doctrina ou dos factos, quer da theoria ou da pratica, quer das regras ou da sua execução; isto é, quer fallemos da parte intellectual *por que* se obra, quer da material *com que* se obra.

Isto dicto de uma vez para sempre, daremos hoje noticia de um edificio *á prova de fogo* ultimamente construido na cidade de Londres por Mr. Dyer, encarregado d'esta obra, e cujas circumstancias de edificação foram por elle mesmo publicadas.

Este edificio que é vasto e alto, está construido sobre um sistema de abobadas de ladrilho da grossura de meio tijolo, e tão junctas umas ás outras que a parte inferior d'ellas se chega a tocar, e as cinco ou seis fiadas do centro até foram deitadas e apertadas mesmo sem argamassas e só ligadas com bitume: os

encontros deixaram-se vasios, e houve sempre o maior cuidado em encharcar bem os tijolos que se assentavam.

As impostas d'estas abobadas são de ferro fundido, e o ladrilho de que se faziam era sempre suspenso a estas impostas por meio de tirantes de ferro; de forma que com este methodo as impostas iam sendo sobrecarregadas progressivamente, o que não succede por meio dos arcos de madeira de que ordinariamente se usa.

Nas paredes de cada um dos andares, e segundo a altura d'elles, poseram-se cinco a seis pilares, compostos de barras de ferro fundido chatas, solidamente ligadas umas ás outras, e cercadas de ladrilho em certos logares. Estas barras de ferro foram primeiro breadas e cobertas de areia, para que a cal lhe podesse adherir melhor. Os pilares collocaram-se em distancia conveniente do frontal, para que a ferrugem não podesse repassar e sujar o estuque.

O sôlho dos diversos quartos foi pregado sobre barrotes como é costume, e forrou-se tambem o tecto das abobadas. Umas molduras feitas de massame de cartão, occultam a parte inferior das impostas.

Depois de prompto este edificio, accendeu-se um lume forte no sôlho do ultimo pavimento baixo, e deixou-se arder por muitos dias. De desoito taboas de que se compunha este sôlho só duas incharam de fórma que se podesse notar; e ainda isto foi attribuido á grande quantidade de vapor saído da argamassa das paredes e gesso das abobadas.

Silva Leal.

MÁCHINA DE FORJA.

1814 O *Leeds Mercury* faz um pomposo elogio d'esta máchina, que na sua opinião foi o objecto mais notavel que se observou na ultima exposição da associação britannica em 1842. Este aparêlho é inteiramente portatil, e assenta sobre um principio novo na theoria e na pratica, e póde receber movimento, por meio tanto do vapor como da agua.

A sua acção não consiste em pancadas de martello, mas n'uma forte pressão transmittida por um excentrico, e por isso não faz a menor bulha, ainda que o numero das pressões em cada minuto chega a seiscentos e cincoenta.

Esta máchina tem grande quantidade de bigornas e de brocas. A rapidez e regularidade com que executa os seus trabalhos é admiravel; e serve por tres bons ferreiros: a perfeição das suas obras nada deixa que desejar.

Silva Leal.

MÁCHINA PARA FAZER RÔLHAS.

1815 Um francez por nome Saillet apresentou á sociedade promotora da industria em França, em janeiro ultimo, uma máchina de fazer rôlhas de cortiça.

Esta industria é importantissima. O consumo das rôlhas no nosso paiz é extraordinario, e abundando elle em cortiça, é com effeito muito para lamentar que estejâmos comprando este género aos estrangeiros! A máchina de que vamos dar noticia parece ser muito ingenhosa.

Uma lâmina de aço cujo gume é horisontal, tem um movimento da direita para a esquerda. Um pedaço de cortiça em fórma de prisma e girando sobre si, vae apresentar-se a este cutello, que com um unico movimento leva tudo que excede á fórma redonda da rôlha, que cae immediatamente deixando logar a outro prisma, e assim successivamente.

Os dois movimentos, o lateral do cutello e o de rotação da cortiça, são produzidos por uma só manivella manejada por um homem. A operação é rapida, e ainda que a execução da máchina seja mediocre, são de grande vantagem os seus productos; porque as rôlhas feitas á mão, dão grande perda de cortiça, e são muito demoradas, além de ser preciso a todo o momento estar a afiar a ferramenta.

Esta máchina acha-se minuciosamente explicada no *Bulletin* da sociedade, que a approvou com louvor.

Silva Leal.

SÔLHOS PINTADOS.

1816 Em Paris na loja de Viard, droguista de tinctas, rua St. Martin, 54 — se vende, sob o titulo de *Chromo-Duro-Phane* — e por tres francos, o Kilogrammo, uma droga para pintar de amarello e vermelho, os sobrados das casas. Diz-se que o seu effeito é formoso e esplendido, e a obra de pouco trabalho, por não ser necessario esfregar nem brunir: sécca em uma hora e dura muito tempo, qualidades estas que faltavam em todo ou em parte nas outras castas de tinctas ou vernizes inventados e experimentados até hoje para aquelle fim.

NOVA IMPRENSA PARA COPIAR.

1817 É simples, commoda e barata. Custa a prensa com todos seus pertences dez francos.

Póde-se mandar vir, escrevendo a Mr. Ragueneau, inventor, Paris, rua de Grenelle, St. Honoré 17, remettendo-se-lhe pelo correio o dinheiro, ou lettra sobre qualquer banqueiro de Paris.

SURDEZA E ENCHAQUECA.

1818 Repetimos o que já por muitas vezes temos dicto, que publicando os annuncios estrangeiros de coisas uteis, de modo nenhum ficamos pela sua exactidão. São noticias que damos aos interessados para seu ulterior exame e governo.

Saíu á luz em Paris, adornada de gravuras a côres, a quarta edição da obra intitulada — *Surdité, Migraine* — pelo Dr. Méne-Maurice. Com este livro, (diz o annuncio) póde uma pessoa curar-se a si mesma da surdeza accidental e da enchaquêca, ou estes males sejam recentes ou inveterados.

No texto se acha uma infinidade de curas realisadas em casos que se tinham havido por incuraveis.

UMA ECONOMIA NO TOUCADOR.

1819 Entre os incontestaveis talentos da gente franceza, tem porventura logar principalissimo, o de negociar com palavras bonitas. Desauctorae de seus nomes de baptismo ou de chrisma os objectos de que se enchem e vasam continuamente as salas de modistas e cabelleireiros de Paris, estabelecidas n'esta cidade a cada canto, darão logo uma baixa em seu valor de noventa por cento. Tirae-lhes depois os rótulos doirados e pintados, os fitilhos, os programmas altisonantes, todo o género de graças externas e accessorias, havêl-os-heis quasi totalmente anniquillado.

Não escureceremos que certos ramos de industria, principalmente os que se fundam na chimica, se teem em França aperfeiçoado e se aperfeiçoam ainda todos os dias; mas á sombra da boa fama d'esse merito vem muita trivialidade, muita ridicularia disfarçada levar todos os annos, um grande pêso de oiro d'este reino. O descobril-as e assignalal-as não deixará pois de ser uma obra meritoria para aquelles que intendem que a mesma coisa não deixa de ser a mesma coisa, e de ter as mesmas virtudes, por ser fabricada em Lisboa e não em Paris, por ser mettida em vidro liso emvez de um frasquinho do feitio de um Napoleão com um chapéu armado.

Eis-aqui para os casquilhos que tiverem poucos meios e alguns miollos, uma receita facil, para comporem por sua mão a afamada untura, que sob o nome de *Bandoline*, *Gosmette*, *e agua lustral*, etc. etc. etc. lhes vendem os cabelleireiros francezes a 240, a 280, a 400 e a 480 réis o frasquinho. Importa ella em sós 40 ou 50 réis, e não lustra nem assenta menos bem os cabellos de um penteado. — Tomae pevides de marmello, deitae-as de mólho em agua fria: passadas vinte e quatro horas, ponde-as com a mesma agua ao lume, apenas começar a fervura, vasae a agua que saíu gommosa mas suja, lançae as pevides em agua nova, e tornae a pôr ao lume até ferver bem: — coae o liquido, misturae-lhe o aróma que melhor vos parecer, e tendes — *Bandoline*, *Gosmette*, *e agua lustral* a que nada falta, senão a elegancia do vaso, que mui facilmente se póde conseguir, e um rótulo com o nome de um *parfumeur* célebre e *breveté* que vós podeis imaginar tão bem como os francezes nos seus annuncios os imaginam.

SABONETE DE ALTÉA.

1820 O sabão temperado com extracto de altéa, tem grande virtude de embranquecer e amaciar a pelle. As casquilhas de ambos os sexos, de que abunda a cidade de Paris, o preferem a todos os outros sabonetes e composições de amendoas e caroços de que até agora se usava.

O contracto das saboarias poderá facilmente ou conseguir a receita, ou mandando vir d'estes sabonetes, fazel-os analysar, e descobrindo-a, aperfeiçoar, se quizer, esse género para seu e publico interesse. Quando se tem privilegio exclusivo em coisa de verdadeira e geral necessidade, deve-se pelo menos, diligenciar servir o melhor que fôr possivel para rebater alguma parte do odio que taes exclusivos merecem e suscitam sempre.

FUMO.

1821 O conselho de educação suissa fez prohibir a toda a mocidade o fumar por ser esse um máu costume, inutil, pouco decente pelo incommodo que os fumantes causam aos que o não são, especialmente ás senhoras, damnoso á saude, oneroso á bolsa e perigoso aos edificios pelo azo que dá a incendios.

MÁCHINA DE FALLAR.

(Communicado.)

1822 Ahi vae a traducção de uma carta, escripta de Hamburgo por *S.* ao muito accreditado jornal inglez o *Athenaeum*: —

«Não vi ainda no vosso benemerito periodico mencionado um invento, com que toda a gente por aqui «anda enlevada, e que de certo merece quantos louvores se possam dar á perseverança e sagaz habilidade de um homem. É o *sprachmaschine*, ou *máchina de fallar*, chamada com pouca propriedade *euphonía do Sr. Faber*, resultado de uma bella applicação da mechânica ás leis da acústica. Bem sabeis «vós que as tentativas de Cagniard, la Tour, Biot «Müller, Steinle para produzir sons articulados e até «para arremedar a voz humana não tinham sido bem «succedidas. Em verdade os nossos conhecimentos da «physiología da larynge e seus accessorios são tão apou«cados, que nem sabemos explicar como se faz o fal«sête. A máchina porém do Sr. Faber sólta as difficuldades.»

«Não vos posso dar senão uma idéa muito imperfeita do em que consiste. Para bem a compreender «seria mister desmanchal-a, e por essa dissecção é «que o auctor não está, não porque pertenda, como «os charlatães, encobrir com misterios o seu invento, «mas porque para fazer essa demonstração analytica «aos curiosos lhe seria indispensavel dispender muito «tempo e muito trabalho.»

«Consta a máchina de uns folles, que se vão to«cando por um pedal como nos órgãos — de uma la«rynge, bocca e ventas de *caoutchouc* ou gomma elás«tica, e um jôgo de téclas com que se dá movimento «ás mollas. (Toda a mais descripção d'aqui por diante «seria inintelligivel não se vendo as estampas).»

«A velocidade da loquélla depende da ligeireza com «que as téclas se tocam. Quando as eu tocava, a falla «do instrumento fazia rir, mas em lhe mettendo as «mãos o Sr. Faber era uma suspensão.»

«Que a máchina possa ainda aperfeiçoar-se não du«vido eu, e muito menos que o metal da voz haja de «ser graciosamente modificado. O tempo naturalmente «influe no tesume da gomma elástica; e ainda que o «Sr. Faber possa elevar a voz ou abaixal-a e carre«gal-a sobre tal ou tal syllaba ou palavra em particu«lar, com tudo não podemos deixar de reconhecer «que ainda ha onde caibam aperfeiçoamentos. Sente«se isto ainda melhor quando o instrumento se mette «a cantar: mas quando bem se adverte o quanto cus«ta a qualquer pessoa o regular as suas proprias *chor«das vocales*, não espanta que o Sr. Faber ainda não «apresentasse uma Catalani ou um Lablache.»

«O que deixo dicto deve dar desejo de conhecer «este admiravel contrafeitor das obras da Providencia. «— O Sr. Faber é natural de *Friburg* no grão-ducado «de Baden. Fôra empregado no observatorio de Vien«na de Austria: mas por causa de molestia, que lhe «deu nos olhos, aposentaram-n'o com uma pequena pen«são: dedicou-se então ao estudo da anatomía, e ago«ra apresenta ao mundo scientifico os resultados de «suas investigações applicados á mechânica.»

Sou etc.

Hamburgo 31 de março. *S.*

A loquélla artificial é um antigo problema, e já muitas vezes resolvido com mais ou menos perfeição. — Ao famoso Alberto Groot, conhecido vulgarmente pelo nome de Alberto Magno, frade muito estudioso, muito escrevedor e muito trapalhão do seculo XIII se attribue, mas sem nenhuma verisimilhança, o fabríco de uma cabeça de bronze, que proferia sons arti-

culados com que respondia a qualquer pergunta. Pelos fins do seculo passado Kempelem exhibiu perante a academia das sciencias de Paris um autómato, que articulava distinctamente varias phrases: *aimez-moi*; *madame venez avec moi a Paris, etc.* Em 1823 Maetzel mostrou no Louvre figuras fallantes, que despovoaram toda Paris para as ir vêr, e attrairam gente de muito longe. Ha poucos mezes resoaram em todos os periodicos d'essa Europa os louvores de um allemão, que fazia cantar a umas bonecas algumas palavras, e promettia accrescentar ainda o mechanismo a ponto de cantarem, mui bem pronunciadas, árias e óperas inteiras.

A historia dos autómatos antigos e modernos encerra um cardume de factos incontestaveis de diversos géneros e tão assombrosos todos, que nem o mais ferrenho pyrrhonismo poderia zombar d'esta novidade de hoje. O trombeta mechânico do regimento dos coiraceiros do archiduque Alberto de Saxe Teschen por Maetzel; o turco, jogador de xadrez por Kempelem; a valsante, que ha poucos annos andava correndo esses reinos; o flautista e o magico, de que toda a Paris se tem maravilhado; a avesinha mencionada por Libis no seu *diccionario de physica*, que se movia, cantava, digeria, e expulsava; e tantos outros similhantes portentos da humana industria permittem esperar — sem incorrer nota de crendeiro — que ainda algum dia a industria, que já quasi nos livrou de todo o trabalho de fabricar, nos livre tambem do de fallar.

¿E quando isso fôr? ¡que revolução até no mundo politico! Necessita-se de compôr um parlamento; — emvez de o encommendar a fabricantes de eleições, encommenda-se a um fabricante de máchinas. — Tem-se deputados que não comem, não bebem, não brigam; não teem amor nem odio; não dormem nem cançam nunca. É escrever-lhes os discursos de antemão, e, segundo a ordem d'elles, uma só pessoa ir tocando successivamente os páusinhos a cada um. Feita a chamada acharam-se presentes todos os bonécos; posto o negocio a votação nominal, todos os representantes disseram *approvo*. — No fim de cada legislatura, para poupar ás galerias o enfado de ver sempre as mesmas caras e ouvir os mesmos nomes, nada havia mais facil do que mudar-lhes os nomes e as mascaras. Esta idéa é fecunda, mas temos medo da sua fecundidade.

MEDICINA SEM MEDICINA.

LEPRA; HOSPITAL DE S. LAZARO.

(Carta.)

1823 No regimento d'este hospital, decretado em 25 d'agosto de 1825 pelo governo da Sr.ª Infante Regente, no cap. 5.º, art. 12 se diz: «sendo este estabelecimento não só dedicado ao alivio dos doentes leprosos, mas tambem á investigação do seu curativo, *em todos os tempos tão desejado, e até agora infelizmente tão duvidoso e obscuro, cumpre ao medico pôr n'este objecto todo o seu zelo e actividade, e publicar os resultados das suas observações.*»

No art. 13, se diz tambem: «como os symptomas que externamente apresenta a lepra, são dependentes de uma causa geral e interna, será n'este caso o *tractamento exterior tambem dirigido pelo medico, e executado pelo cirurgião etc.*»

Tendo eu sido segundo medico da camara municipal, em que servi por tres annos na repartição da saude da cidade, até á sua extincção pela creação do supremo conselho de saude do reino, a quem passaram as attribuições d'ella, mas nenhum de seus empregados; e ficando-me apenas o direito d'accesso ao logar do primeiro, que ficou apenas no serviço do hospital de S. Lazaro, para onde tinha passado de segundo, que tambem tinha sido; fui chamado nos impedimentos do actual a servir como seu substituto, como me pertencia, onde tenho servido *gratuitamente*, váe para dois annos! — Já eu sabia, e devia saber, qual a natureza, quaes as causas, e seu modo de obrar; quaes os meios de previnir, e qual o methodo de serem tractadas as molestias chamadas leprosas. Nem isto deverá admirar, porque, sendo o typo normal da organisação do homem identico, identica a vida resultante do exercicio do mesmo organismo, identicos os phenómenos da vida normal; o conhecimento de tudo isto devia compreender as suas anomalias, que nada mais são, nem podiam ser, senão phenómenos da vida individual, effeitos produzidos no mesmo organismo pelas mesmas causas, e pelo mesmo modo, com que se verificam quaesquer phenómenos da vida, em geral. Porém a razão especial de taes anomalías, é, como nas outras molestias, proveniente dos nossos erros contra as regras da hygiene; conhecer como obram taes erros, achar sua filiação, é conhecer conjunctamente o modo de os previnir, e o methodo de os combater. É a medicina philosophica, tanto preventiva, como curativa, porque a arte deve ser feita pela sciencia; sem esta não póde haver senão empirismo, e *rotina*, com mais, ou menos apparencia de racional. Esta doctrina se achará mais desinvolvida em uma Memoria, que ha pouco publiquei com o titulo — *Medicina sem Medicina* — a qual para ser bem compreendida carece d'uma attenção, e meditação mais tenaz, que a ordinaria, pela natureza da materia, e sua deducção mui intima: para o que lá estão as regras da logica, que se ensinam no Genuense; meditem-se bem, e appliquem-se convenientemente; muito em particular o seu cap. 5.º do livro 4.º; e os cap. 1, 2 do liv. 5.º das instituições: é necessario ter adquirido o habito das mathematicas, que é a melhor *logica utente*, para ganhar a capacidade necessaria em taes materias; a qual consiste muito mais no *artificio do intellecto* do que no numero das idéas; e é por elle que nos constituimos *racionaes*; como lá ensina o mesmo Genuense. Com taes condições se poderá ser juiz, sendo competente na especialidade adquirida.

Assim, para communicar aos outros com proveito seu, da humanidade, e da sciencia, é necessario ser habilitado com os meios convenientes, devendo-se principiar pelos *factos-principios*, pelas sensações, que são a *materia-prima* para o artificio do *intellecto*, uma e outra coisa necessaria para formar as capacidades respectivas. — O local actual, e mais agentes naturaes, e os moraes, intellectuaes; os meios hygienicos emfim, não podem conspirar, nem ser dirigidos para bem, por sua desharmonia, e contrariedade, e mesmo hostilidade sobre a vida individual. Deve começar-se pela escolha do local, e reunir n'elle os meios convenientes; e então observar o methodo com que forem dirigidos; e os beneficios resultantes convencerão aos mais refractarios, de sua exclusiva importancia, e adopção.

Menos d'isto, será pregar no deserto. Só os factos converterão contra as preocupações; por outro modo indestructiveis. Colombo não converteu d'outro modo; era impossivel que o conseguisse.

¿Quer-se isto? quem quer os fins quer os meios. — N'um local geral se podem tractar todas as molestias, em mais ou menos numero de doentes. O methodo é geral, e geral é a sciencia que o forma; como é tambem geral o typo d'organisação, e o complexo dos phenómenos, que constituem a vida individual: as anomalías são apenas modificações, modos de ser. A ontologia em medicina anniquillada por Broussais, ainda sustenta a crença publica, e a quem vive d'ella: é irracional para uns e outros. — As condicções do local acham-se indicadas para o instituto na memoria referida.

Eis-aqui finalmente como intendo o modo de satisfazer ao regimento. Outras eram, e confusas, senão erradas, as idéas de quem o redigiu; são empiricas, e por ellas já *passou em julgado* que nada se poderá fazer, como se não tem podido fazer ha seculos; ás apalpadellas, ás cégas só por acaso se acerta, e mesmo os acertos assim de nada servem além da hypothese, por se não conhecerem as relações que os ligam. A queda do fructo na cabeça do grande Newton de nada serviria n'outra cabeça, como milhares de vezes antes de nada tinha servido; e quantas cabeças teem desde então achado suas relações das leis geraes dos graves, com o sistema planetario?!

Daqui é que vem a molestia intellectual que tem feito alcunhar de utopias, sonhos, etc. os descobrimentos de verdades fóra do alcance das capacidades da bitola commum. A differença hoje para melhor é que não ha já o *Sancto Officio* a recear; mas ha *outro officio*, que certamente não é *sancto*, e que por mais geral, e mais dividido, se acha no dominio publico, porém mais fraco; mas egualmente, senão faz victimas, embaraça, e retarda o progresso. O espirito do seculo em movimento accelerado, e continuo, apesar dos attritos, correrá o espaço necessario a chegar ao alvo, ainda que gaste mais tempo; é a resolução do problema phisico-mathematico applicado á diffusão da luz, á luz diffusa. — Mas quem andar mais depressa, e mais adiante, mal poderá ser ouvido, e muito menos ser intendido; arrisca-se a ser apupado, e alcunhado de *barbaro*, como Ovidio «*barbarus hic ego sum quia non intelligor illis.*»

Jacinto Luiz Amaral Frazão.

DO INFANTICIDIO.

1824 Tudo quanto a boa razão e os sentimentos de humanidade podem dictar para infundir nos animos um profundo horror contra o crime do infanticidio, está dicto; e tem-se escripto tantas vezes e por homens de tão abalisado ingenho, que nada falta para accrescentar sobre este assumpto.

Já assim não é, se o consideramos debaixo do ponto de vista que respeita aos jurisconsultos e aos legisladores.

Encontram-se sem duvida nos escriptos dos primeiros muitas e mui acertadas observações sobre os motivos e a qualificação d'estes actos, que as mais das vezes são resultado de um combate entre varios sentimentos inherentes ao coração humano. Mas contentes com esta appreciação theorica, apenas e muito superficialmente descem a considerar, por que meios se poderia diminuir, já que é impossivel atalhar inteiramente que se perpetrem horrorosos crimes.

O mais que os legisladores, pouco illustrados pelos escriptos dos jurisconsultos, teem adiantado na reforma d'esta parte da legislação, reduz-se a minorar as penas que em seus codigos draconicos haviam fulminado os antigos.

Remontemos ás origens d'este crime: ellas nos indicarão os meios mais adequados para a sua repressão.

Tres são, que nós saibamos, os motivos porque as mães sacrificam as innocentes creaturas, que acabam de dar á luz, a saber: o pejo, o odio, e a devassidão.

Um remedio applicavel a todas estas tres causas, e sem o qual, nenhum outro póde ter resultado algum util, é a educação da mocidade, e particularmente, das pessoas do outro sexo; pois é evidente que uma donzella bem educada estará menos exposta a caír em faltas, de que tenha de envergonhar-se, do que aquellas que, destituidas de principios moraes, vivem habitualmente no meio das seducções e dos perigos.

Mas, além d'este meio preventivo universal, ha para diminuir os casos de infanticidio por motivo de pejo, outras providencias que dependem da legislação do paiz.

Umas vezes a paixão, outras vezes o simples desejo de saírem do estado de solteiras ou viuvas, são dois motivos que induzem as mulheres a commetterem faltas de que depois, mas já tarde, se arrependem.

A especie de certeza que as enganosas promessas dos amantes ou seductores lhes inspiram de que os indissoluveis vinculos do matrimonio seguirão de perto a sua condescendencia é, pela maior parte, o motivo que as determina a subscreverem á sua deshonra. Logo é evidente, que se aquelles vinculos não fossem indissoluveis, perderia toda a sua força a promessa de casamento.

Assim, uma legislação que désse ao desquite todas as formalidades compativeis com a moral publica e com os direitos dos filhos e dos terceiros interessados, seria o meio mais efficaz, que se poderia empregar para impedir os effeitos da seducção e da fragilidade (*).

Outra providencia, que reputâmos não menos efficaz, seria a de se declarar; que o simples facto da união entre duas pessoas solteiras ou viuvas, conferiria á mulher todos os direitos de casada; salvo ao marido o direito de desquite, com as condições e encargos marcados na lei que regular taes separações.

O odio, que dissemos ser uma das causas de infanticidio, tem umas vezes por objecto o pae da innocente victima, outras vezes a propria creança.

O odio ao pae costuma derivar de ciumes ou de in-

(*) Sobre este mesmo pensamento parece ser fundada a lei que declara serem unicamente valiosas em direito as promessas de casamento feitas a donzellas menores de dezoito annos. Mas esta lei é immoral. A ninguem, nem mesmo ao legislador, é permittido desligar aquelle que, por uma promessa livre e voluntaria, se obrigou a prestar uma acção licita; sobre tudo quando de a não cumprir deve resultar para a pessoa, a quem essa promessa foi feita, um damno irreparavel, como acontece nos casos de que tractâmos.

dignação, por a mãe se vêr d'elle abandonada. Em ambas estas hypotheses intendemos que atalharia muitos males a lei que declarasse á donzella ou viuva seduzida ou simplesmente fragil os direitos de casada.

O odio contra a propria creança é tão monstruoso, que felizmente, poucas vezes se verifica: e esse, umas vezes é effeito da desesperação pela falta de meios de provêr á sua creação, outras vezes provém do estorvo que as mães prevêem que elles opporão á vida dissoluta que intentam continuar. No primeiro d'estes dois casos aproveitaria ainda a lei que acabamos de mencionar, mas sobre tudo as providencias de que logo tractaremos destinadas a assegurar a sorte de todos os recém-nascidos, desencarregando d'esse onus aquelles de quem receberam o ser.

Para o caso em que o odio á innocente creança provém da mãe ter já chegado a tão deploravel corrupção de costumes, não resta ao legislador outro recurso, senão o recommendar esses entes desnaturados á vigilancia das auctoridades, a quem incumbe velar pela manutenção da moral publica, afim de submettel-os ao tractamento da correcção nos estabelecimentos a esse fim destinados.

Qualquer porém que seja dos tres mencionados motivos o que determine as mães, os paes ou outras terceiras pessoas ao horrivel procedimento de dar a morte áquellas innocentes e naturalmente interessantes creaturas; todos e cada um d'esses motivos perderão a sua força ou cessarão mesmo de existir, se todo o recém-nascido fosse, só por esse facto, considerado mais como filho da nação, do que d'aquelles de quem recebeu a existencia.

Os estabelecimentos, que nós denominariamos casas de maternidade, longe de serem, como hoje são, occasião de opprobrio para aquelles que alli tivessem sido creados, deveriam ser titulos legaes para a sua promoção na carreira da successiva educação, á custa do Estado, como o costumam ser as eschólas e os collegios militares; onde as mais elevadas patentes do exército e da marinha sollicitam a admissão para seus filhos: e com razão; pois que o ter sido creado e educado em taes estabelecimentos é um abôno de prestimo e bom comportamento dos alumnos, aspirantes aos diversos empregos do publico serviço ou da industria privada.

Não ignoramos que muito se tem escripto contra os estabelecimentos dos expostos; e convimos em que muitas das razões allegadas pelos homens conspicuos, que teem sustentado aquellas opiniões, são irrefragaveis.

Mas intendemos, que elles se equivocaram, confundindo as instituições com os abusos n'ellas introduzidos, as mais das vezes desde o principio da sua creação. Por isso parece-nos que desde o momento, em que se evitarem aquelles abusos, similhantes estabelecimentos prestarão grandes serviços ao estado.

Os limites d'este artigo, não nos permittem entrar nos pormenores que seria preciso expender, para darmos ao leitor uma idéa clara de como elles se poderiam evitar. Remettel-o-hemos para o nosso projecto de codigo politico bem como para um projecto de associação das classes industriosas, onde havemos tractado d'este assumpto debaixo dos seus diversos pontos de vista.

Aqui limitar-nos-hemos a fazer observar que, quando fosse certo, o que não é, que o numero dos filhos illigitimos cresce sempre, e muito, desde o momento em que se erigem similhantes estabelecimentos; os seus adversarios não podem negar, que o numero dos infanticidios é muito menor, onde taes casas existem, do que onde ellas faltam.

Não hesitamos pois em propôr a multiplicação de similhantes estabelecimentos, como um dos meios mais eficazes para se diminuirem muito os infanticidios, ainda quando se corresse o perigo de dar logar a que haja um certo numero de filhos illigitimos de mais.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

COMO SE DEVE RESPONDER AOS DESAFIANTES.

Com licença dos redactores da *Restauração* copiamos d'ella a seguinte parte de uma carta publicada no seu n.º 311.

1825 «Havia no meu regimento, estando de guarnição em Cadiz em 17.... um cadete, que apesar de ser dotado de algum talento, tinha excessiva philaucia; era turbulento, orgulhoso e fallador insupportavel. A estas condicções ajunctava a mania de espadachim, e desafiava immediatamente a pessoa que se atrevesse de qualquer maneira a contrarial-o.»

«Succedendo achar-se este cadete em um café, na companhia de algumas pessoas, entre as quaes estava um negociante d'aquella praça, homem abastado e de probidade conhecida; suscitou-se entre ambos uma questão, na qual havendo differença de opinião, o cadete não se limitou a insultar o negociante, mas, na fórma do seu costume, o desafiou. Este porém, com o maior sangue frio, lhe disse: «Senhor cadete, eu não acceito o seu desafio, porque não tenho vontade nenhuma de morrer, nem desejos de o matar. No primeiro caso, ficaria eu privado de continuar a gosar por mais algum tempo os bens que possuo, havia-de fazer muita falta á minha familia, e a sociedade perderia em mim um bom e util cidadão. No segundo caso, isto é, se eu o matar, commetterei um homicidio, ao que muito repugna a minha indole, e deverei ser punido pelas leis, que desejo observar. Além d'isto, a amizade que tenho a seu pae não me obriga a fazer-lhe o obsequio de o livrar de um tão mau filho, nem a nação me encarregou de lhe decepar nenhum dos seus membros perniciosos; portanto, torno a dizer, não acceito o seu desafio. Fique porém o Sr. cadete certo, que se intentar em qualquer parte passar a vias de facto, eu sempre trago comigo um bom bastão, que sei manejar bem, e que empregarei de modo que nenhum mal me resulte do seu florete.»

«Este discurso produziu nos circumstantes immensas risadas: o cadete ficou com elle corrido, mas serviu-lhe de licção para ser no futuro mais commedido.»

PORQUE RAZÃO OS PROTESTANTES FAZEM PROGRESSOS.

(Communicado).

1826 O homem collocado no Universo, dotado da faculdade divina, que o torna quasi tão distante do restante dos animaes como elle o está da Divindade; desde a sua primeira edade começa a distinguir o bem do mal, mas este conhecimento muitas vezes é imperfeito, e já a palavra, já as obras imprimem em sua intelligencia ainda virgem o typo da falsa doctrina. — Na verdade a palavra o convence, e se esta o convence, as obras tornam eterna essa convicção.

É isto o que está acontecendo entre nós. — O povo cego, despido de quasi todos os meios que o civilisem e esclareçam, entregue em grande parte a si mesmo, quando vê em seu seio um homem cujo saber elle chega a conhecer, e que por maneira attrae a sua attenção; torna-se o imitador e adulador d'aquelle que com humanidade e beneficios acolhe suas queixas, auxilia sua desgraça e chora seus males; e bem depressa esse seu idolo fica habil para lhe derramar na alma todo o fel ou virtude que lhe gira no coração.

No inverno de 1841 appareceu na Madeira para restabelecimento de sua saude um medico inglez, chamado Mr. Kalley. Este homem a principio tão desconhecido, como os demais estrangeiros que alli concorrem todos os annos, pouco a pouco derramando beneficios pelo povo, curando-o e dando-lhe remedios de graça etc., tem sido o alvo da attenção de todos, e tem grangeado a sua affeição a ponto de lhe darem o nome de — *protector do povo e pae dos infelizes.* — Mas isto é o menos: confiado na sua influencia sobre o povo, começou a reunil-o em sua casa, e a explicar-lhe as Escripturas, e bem depressa a multidão cresceu, e elle entornando entre elles a sua falsa crença, tem de tal modo arreigado em seus corações o protestantismo, que esta classe ignorante já discute sobre religião, preferindo a do seu bemfeitor á que lhe foi testada por seus avós, rindo e escarnecendo do culto prestado ás imagens, e dizendo que — *antes caissem todas as egrejas na alluvião, do que se perdesse um só bago de uva!!!*

Esta grande revolução que íam causando nos espiritos as taes explicações das Escripturas, fez com que as auctoridades pertendessem tomar algumas providencias que obstassem á propagação d'esta falsa doctrina: porém elle respondeu que era — *um novo enviado de Deus a pregar ao povo cego.*

¿E d'onde provém tudo isto?—vergonha é confessal-o, porém necessario. — Provém de que os ministros da religião de Christo, encarregados de conservar seus dogmas, de propagar a sua moral, e de administrar seus beneficios á parte do rebanho que lhes foi confiada, chegaram entre nós ao cumulo da desmoralisação!!! Essa classe tão respeitavel, que deve continuar entre si um dogma immortal, que deve servir d'anel a uma immensa cadêa de fé e virtude, e que deve deixar ás gerações que nascem uma crença, uma lei e um Deus, é hoje entre nós uma classe ignorante e relaxada!!!

Vão já acabando os homens cujas cans attestem sua virtuosa peregrinação na terra, cujas mãos tremulas elevem com respeito o calix, e cuja voz já fraca postoque já não resoe no sanctuario, ecchôe ainda nos corações de seu rebanho. — Bem longe d'abrir a Biblia e derramar em tôrno de si o thesoiro de luz, e perfeição, cuja chave a Providencia depoz em suas mãos; bem longe de eternisar esta salutar doctrina pelo exemplo de seu viver, e passar o resto do tempo juncto ao altar, no meio das creancinhas ensinando-lhes a balbuciar o cathecismo; codigo vulgar da mais alta philosophia, alphabeto da sabedoria divina; o clero d'hoje, egoista, só olha aos seus interesses, involve-se em todos os negocios, em todas as coisas humanas transitorias e inconstantes de sua natureza, e não conhece que a religião, governo eterno de Deus sobre a consciencia, está a cima d'esta esphera de necessidades, que se degrada occupando-se com ellas.

¿Qual será pois o meio de obstar a todos estes males que tanto nos affligem? — A resposta é facil de dar — *a reformação do clero.* —

Coimbra 20 de maio.

M. D.

A ESCHÓLA POLYTECHNICA E O MONUMENTO.

1827 Quando publiquei no n.° 38 da Revista um artigo sobre a questão indicada na epigraphe acima, disse eu, que a transformação do monumento de pedra em monumento eschóla se tinha convertido em these disputavel. Disse o que me parecia ser a crença d'aquelles que se affastavam n'esta materia da opinião geral. Hoje vejo que me enganei, e que nem para esses mesmos o negocio é realmente disputavel.

A unica impugnação que, até o momento em que escrevo estas linhas, appareceu contra as reflexões que fiz, foi o artigo lançado nas columnas do *Espectador* de 13 d'este mez, que hoje (18) me veio casualmente ás mãos. Esse escripto provou-me que os fautores da pedra polida ainda estão talvez mais persuadidos que nós de que defendem uma pessima causa.

¿Se assim não fosse como haveria a menos boa-fé de transtornar completamente as idéas contidas no meu artigo, para as combater depois? ¿Como se dariam asserções gratuitas por argumentos? ¿Como se amontoariam desbragadamente tantas contradicções flagrantes? Um homem a ponto de affogar-se não faria mais meneios descompostos, mais tentativas inuteis, mais movimentos para ir em menos tempo ao fundo. Os homens que pertendem converter a columna de Phocas em um palimpsesto onde sacrilegamente escrevam o nome de D. Pedro, affogam-se evidentemente. ¡Que a misericordia de Deus os tenha de sua mão!

Na introducção do artigo fui eu a materia sujeita das considerações do jornalista. Aos elogios e censuras ahi lançados só direi uma coisa: recuso o julgamento: recuso-o no bem e no mal, emquanto o juiz não provar pelos seus titulos litterarios a competencia do tribunal. Para as sentenças valerem costuma o julgador firmal-as com o seu nome. Sem isso um fiel de feitos poderia emvez de os levar de porta em porta, intrometter-se a sentenceal-os.

«Começa o incognito por dizer que escreve sem referencia ao artigo da Revista, nem ás minhas idéas, e não ha um paragrapho em todo aquelle papel, que não se refira a ellas, truncadas, transtornadas, postas a uma falsa luz, é verdade, mas sempre a ellas.»

É para dar logo, na concepção geral do escripto, a prova da sua competencia para avaliar a minha pouca logica.

Eu fiz a distincção que era necessario fazer entre a idéa absoluta de qualquer monumento, e as condicções variaveis d'elle: provei que a idéa não importava senão o *lembrar;* que a fórma, as circumstancias, os motivos que o faziam erguer eram accidentaes *em relação a elle:* fallei da these antes de fallar da hypothese. O bom do incognito confunde tudo isto, e diz que eu faço da gratidão um accidente. Com esta trapaça, duas ou tres exclamações, e alguns pontos de admiração crê o pobre homem ter respondido a uma ordem severa de raciocinios.

¿O que é uma hypothese? É a modificação de uma these por circumstancias variaveis e accidentaes. Se a gratidão é condicção absoluta da idéa — *monumento*

— um padrão posto para recordar a cheia de um rio significa um testimunho de gratidão á cheia, a memoria destinada a perpetuar a lembrança de um grande crime, é uma prova de gratidão ao criminoso. Eis ao que se devia responder, e não se respondeu, nem se responderá nunca.

¿Onde disse eu que a gratidão era um accidente *em relação a nós?* O que disse foi exactamente o contrario: foi que ella era um dever nosso. O que eu acho soberanamente estupido e ridiculo é o querermos lembrar á posteridade as nossas importantissimas personagens porque desempenhamos uma obrigação moral. Se não a desempenhassemos era então que deviamos ter um monumento, mas monumento de condemnação e infamia.

A gratidão é uma idéa necessaria em relação a nós: condiccional em relação ao monumento. Provae que esta doctrina do artigo é falsa, e depois fareis exclamações e admirações, que por si sós apenas são boas para ventilar questões de pontualidades amorosas em grade de freiras.

No artigo impugnado asseverou-se um facto: isto é, que a opinião publica preferia o monumento — Eschóla Polytechnica ao monumento Palimpsesto de Phocas. — Diz-se que não o provei. ¿Como e para quê? Escrevia para o publico, e o publico tinha a consciencia de que eu fallava verdade. Agora porém o adversario colloca-me ainda em melhor terreno: teve boa-fé uma vez. — Foi engano, por isso não lh'o agradeço.

Confessa ter existido o facto asseverado por mim. Concordamos pois todos n'esse ponto. Logo a sua existencia é incontestavel. Pertende que a opinião publica mudou: isto é, affirma que um novo facto veio substituir o primeiro. ¿Sou eu que devo provar este, ou elle que deve provar essoutro? A resposta está no Genuense.

Para contrabalançar o voto da razão publica cita-se a opinião de uma alta personagem. Não sei quem é, nem o desejo. O que, porém, sei é que, seja qual fôr a altura d'essa personagem, n'estas questões de doctrina, o seu voto não significa mais do que uma unidade.

Diz o *Espectador* que os seus adversarios se *escoram* na *base* falsissima, de que não se poderá edificar a Eschóla sem que se deixe de alevantar o monumento a D. Pedro. Pondo de parte a giria tacanha com que se dá por provado o absurdo de que o monumento de D. Pedro significa forçosamente a publica-fórma do mote do exarcha-Smaragdo, e que uma eschóla, um templo, ou outra qualquer coisa não póde ser monumento; pondo de parte essa giria, porque é vergonhosa e parva, direi só, que não foi isso que eu tractei de provar. O que provei foi que em relação ao Imperador, ao seculo em que vivemos, á philosophia da historia, aos characteres politicos da sociedade portugueza actual, a hypothese de que se tracta, o monumento que se pertende erguer, deve ser uma eschóla e não uma copia mesquinha de um triste monumento da decadencia de outra nação. Se a Eschóla Polytechnica existisse ainda intacta, o Monumento com Estatua, não seria por isso menos absurdo, e moralmente impossivel.

Taxa o *Espectador* de pueril e não sei de que mais o alvitre que dei, de se chamarem os contribuintes a levantarem as suas quotas no caso de não approvarem o monumento-eschóla. Este modo liberal, decente, moralissimo de consultar a opinião d'aquelles que teem direito a serem consultados na materia; de respeitar a propriedade e a vontade particular n'aquillo em que deve ser respeitada, merece o profundo desprêso do auctor do artigo. Estou bem longe de suppor que as suas acções como homem e como cidadão sejam conformes com as suas doctrinas moraes; mas estas pelo que se vê aqui são tão exactas e sãs, como as idéas que tem ácêrca de monumentos.

O resto do artigo é todo do mesmo gosto. Versa sobre o presupposto miseravel e ridiculo, que fóra do mote *monumento com estatua*, não ha salvação monumental possivel. Se eu me occupasse um minuto em responder á máchina de sensaborias que sobre este fundamento de palha se alevantou, merecia meia duzia de palmatoadas. Era uma creancice intoleravel.

¿Querem um *ex digito Gygas?* Ahi vae:

«.... em todos os seus periodos (os do meu artigo) achamos reproduzidos um ou outro dos dois *sofismas*, se não *paralogismos*, *de sobre* que assenta a machina engenhosa, mas só engenhosa, que nos propozémos derribar.»

Isto traduz-se assim: — .... achamos reproduzidos um ou outro dos dois *argumentos falsos por má fé de quem os emprega*, se não são coisa muito mais condemnavel senão são *argumentos falsos*, *por êrro no raciocinio e não por má fé.*

Aqui teem o meu mestre de logica.

Quando os admiradores do mote do Rocio pertenderem defendel-o, façam coisa *tangivel*. Emquanto assim não o fizerem estejam certos de que os deixarei barafustar callado. Não tenho tempo nem paciencia para refutar o que está refutado por si.

A. Herculano.

Lisboa 18 de junho.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

VOLCÃO DA ILHA DE S. MIGUEL.

26 *de Junho de* 1638.

1828 Tremeu a terra na ilha de S. Miguel; continuou o tremor expantosamente por espaço de 8 dias, de tal sorte que os moradores desampararam as casas, acolhendo-se aos campos, e aos tres de julho seguinte, ao diante do Pico das Camarinhas, uma legoa ao mar, em uma paragem, chamada a Ferraria, onde de toda esta ilha vão a pescar, em um sabbado rebentou duas legoas afastado da terra um volcão de fogo com tanta furia, que todo o oceano não foi bastante a lhe resistir; sendo assim que do centro do mar, onde rebentou, até á flôr da agoa, se pescaria com linhas de 150 braças de comprido. Este fogo não saía de mais de circuito de mar, que obra de dois alqueires de terra de semeadura, e saía com tanta furia, que trazia a areia, que achava em baixo, com cinza e agoa salgada, e tudo isto sobia com tal força, que se levantava, até ás nuvens, a modo de velo d'algodão, e caindo outra vez no mar, o fazia como polme: de quan-

do em quando trazia este fogo penedos maiores, que montes, e levantando-os obra de tres lanças no ar, tornavam a cair, e encontrando com outros, que íam sobindo, se despedaçavam no ar, e as lascas d'elles, que caiam, tomadas nas mãos, se desfaziam em terra negra.

Com os ditos montes e penedos, que o fogo lançava debaixo da agoa, se formou uma ilha sobre a mesma agoa, de circuito de 4 alqueires de terra de semeadura ao principio, mas aos dez do dito mez de julho, em que se fez a relação, que veio a Lisboa, teria legoa e meia de comprido. Antes de rebentar este fogo, na paragem sobredita se pescaram muitos e varios peixes, que por espaço de 8 dias todos os barcos da cidade, cada um ao menos carregava oito mil, e depois do incendio matou o fogo na dita paragem, onde se levantou, tanta quantidade de peixe, que se poderam carregar 8 grandes náos, e para o que saía em terra se fizeram covas mui grandes nas praias, em que se enterravam, por não inficcionar o ar; e 6 legoas da dita ilha se acharam peixes mortos pelo mar, e a 8 se sentia o fedor do enxofre. — Relação feita em 10 d'este mez, e anno 1638, na dicta ilha.

Beneficiado Francisco Leitão Ferreira na Ephemeride Historial. (Manuscripto da Bibliotheca de Evora.)

FLÔR DO MAR.

(Historia de um barqueiro.)

VI.

¿ Quem tal diria?

1829 O tecto hospitaleiro do maritimo Antonio Domingues protegeu dois mezes inteiros a longa e dolorosa cura do pobre ferido. Manuel, quinze dias entre a vida e a morte, soffreu com incrivel paciencia todas as suas dôres: nunca uma queixa lhe assomou aos labios. Ás perguntas repetidas, que já na convalescença lhe faziam ácerca da sua estranha briga e de quem assim o maltractára, dava sempre a mesma resposta que déra n'aquella fatal noite a seu patrão. O maritimo rude, o grosseiro, o villão compreendia melhor a generosidade e a delicadeza dos sentimentos do que o *homem de bem*, o *filho de boa gente*. Unicamente, quando alguma vez acontecia fallar-se diante d'elle do mancebo official que havia deixado o logar, descórava de todo e ficava como um defunto.

Antonio Domingues tinha feito a seu respeito o mesmo que fizéra em bem do official. O pobre rapaz era orpham de pae e mãe, não tinha ninguem no mundo e Antonio estimava-o como o melhor dos da companha: era natural que em sua casa achasse elle amparo e abrigo.

Rosa em todo o tempo que durou a cura do mancebo houve-se constantemente como se fôra sua mãe extremosa. Serviu-lhe de enfermeira, velou noites inteiras ao pé do seu leito ensanguentado e doloroso, e quando na solidão das horas mortas lhe succedia pensar no outro ferido que n'aquelle mesmo leito se repoisára, quando a sua imaginação se demorava em acontecimentos que se tinham passado e sobretudo n'aquelle mais lastimoso do que nenhum, quando finalmente se lembrava da obediencia, do affecto, da quasi devoção de Manuel, e do seu obstinado silencio. Rosa não podia esquivar-se a certas suspeitas vagas que lhe faziam verter muitas e mui amargas lagrimas contemplando o rosto tostado e varonil do mancebo desfigurado pelas dôres em que penava — talvez ainda mais desfigurado pelas energicas e tenebrosas luctas moraes, que deviam ter-se passado lá dentro d'aquelle coração grande e robusto, mais cheio de verdadeira heroicidade e de verdadeira nobresa do que muitos dos que no mundo ganharam, e ainda ganham, creditos de nobres e de heroes.

Maria vigiava-o e tractava-o tambem com desvelos de irmã. Quando a branca mão da donzella lhe apresentava um remedio para a febre ou lhe conchegava a almofada a que elle encostava a cabeça involta em pannos, o parecer amortecido de Manuel reanimava-se e parecia como refulgir — relusia-lhe nos olhos uma alegria inexplicavel — diria quem o visse que das bordas da sepultura voltava subitamente ao mundo e á felicidade.

Maria porém estava namorada. Sempre que se accertava fallar no official as suas palavras eram saudosas; mil signaes, mil circumstancias, que a qualquer pareceriam indifferentes revelavam o amor que lhe ella tinha. A timida e innocente pomba mal sabia que estivera proxima a caír nas garras do abutre.

O amor de Maria era um affecto puro e virginal, ardente porém não tumultuoso: era uma especie de chama suave e melancholica a que lhe aprasia aquecer a sua alma, era um como brando e incessante meditar, cheio ao mesmo passo de tristeza e resignação, era um quasi crepusculo saudoso e phantastico, intertecido de meiga luz e de agradavel obscuridade, todo povoado de visões misteriosas e indifiniveis. As horas da donzella corriam-lhe pois se não contentes ao menos socegadas, repartidas entre dois pensamentos diversos e todavia inseparaveis, passava-as ora queixando-se á sua Virgem dolorosa, a quem encomendava o ausente; ora revendo-se na formosa cruz sempre brilhante, com quem conversava no muito amor d'aquelle bom pae que Deus lhe déra.

O que, porém, o mancebo ía padecendo, ouvindo-a fallar affectuosa e benigna do homem que elle tanto conhecia, isso não n'o podem palavras explicar. Manuel revellando o acontecimento d'aquella noite que lhe fôra tão cruel podia muito bem vingar-se — podia com uma palavra destruir as illusões fagueiras da donzella. O pensamento de um crime — que o fôra a tentativa do official — na alma pura de Maria devia forçosamente fazer-lhe uma estranha impressão, devia quebrar-lhe algum ou alguns d'esses invisiveis laços que prendem uns aos outros os corações e as sympathias. E todavia Manuel não pronunciou aquella palavra: não que elle bem sabia que Maria havia de padecer com ella, e se por seu respeito Maria padecesse Manuel ficaria mal comsigo mesmo para sempre.

Eram passados dois mezes, como já dissemos, quando um dia, em que todos os habitantes d'aquella pacifica morada, ao descaír da tarde, consideravam com muda admiração o spectaculo grandioso e melancholico, o sol a sumir-se nas aguas do mar, o galope de um cavallo, tropeando por entre as naturaes fragosidades do logar, os despertou da sua involuntaria meditação. Manuel, que brandamente encostado no parapeito da janella aspirava placidamente a aragem do mar, para elle o mais delicioso perfume, estremeceu sem

saber porquê. Quanto a Maria, como assomasse á janella com inquieta curiosidade, não pôde abafar um grito de sobresalto e alegria.

O cavalleiro era o official.

Já d'aqui vos antevejo, leitoras amaveis, curiosas tambem por esta vinda inesperada e audaciosa. Se quereis saber o mais que se passou, tende paciencia .... até á semana.

Mendes Leal Junior.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1830 A Inglaterra nas providencias, que toma contra a Irlanda, continúa a manifestar o profundo terror, que esta lhe infunde. Sobrecarrega-lhe de artilheria as fortalezas: expede carregações de tropas e de armas: aperta as ordens aos seus agentes: atiça a vigilancia da policia; e ousa emfim dimittir O'Connell da sua magistratura. — ¿Dimittil-o-ha ella tão facilmente de orar a um reino inteiro, e de capitanear a 500 mil pessoas? E emquanto a *Irlanda* se agita para a separação a *Escossia* clama pela independencia religiosa; e na Inglaterra mesma os cartistas, os descontentes, o immenso povo, a quem falta o pão, o vestido, a instrucção de todo o genero, o povo escravo, o povo-rebanho, o povo-coisa applaude as vozes da Escossia; applaude os movimentos da Irlanda; applaude tudo, o que se lhe figura poder alterar a sua presente fórma de existir, e melhor disséramos, de agonisar.

O fogo civico acceso em Malaga e para logo ateado nas circumvisinhanças não só não pôde ser apagado, senão que se tem estendido á Catalunha, Valencia, Saragoça, Galliza, Badajoz, Sevilha, Lérida, Granada e outros pontos importantes. — Verdadeiramente só as cercanías da capital estão exemptas, não seguras da conflagração. Ao levantamento physico ainda falta alguma coisa; o dos animos é já completo, é universal. Alguns generaes querem obedecer a Espartero, e as suas tropas fraternisam com o povo. Espartero, dizem, que está doente; como quer que seja, não é mister grande telescópio politico para descobrir que a sua estrella vae já mais de meio mergulhada no horisonte. ¡Valerão conjuros inglezes a fazel-a remontar! ¡pobre Albion! tomára-os ella para embargar a declinação rapida do seu proprio signo. Não — decedidamente, a era não vae para tyrannos.

O duque de Aumale ganha em Africa á custa dos arabes de Abd-el-Kader algumas novas palmas e despojos para a sua França.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1831 *Diario do Governo de 8 de junho.* — Portaria regulando a precedencia de diversas auctoridades quando hajam de concorrer em actos publicos.

Idem de 9. — Ordem do exercito n.º 20.

Idem de 10. — Carta de lei prescrevendo uma nova fórma para serem vendidos os bens nacionaes, que já tiverem andado em praça. Outra dando nova organisação á juncta do credito publico. Outra ampliando por mais um anno o pagamento das dividas á fazenda publica.

Idem de 12. — Carta de lei para que os officiaes preteridos sejam indemnisados das suas preterições. Outra tornando extensivo o beneficio da lei de 5 de octubro de 1837 aos sargentos ajudantes.

Idem de 13. — Instrucções para os arrendamentos dos bens nacionaes.

Idem de 16. — Portaria mandando que os governadores do ultramar remettam á secretaria da marinha certidões dos dias em que elles e seus subalternos hajam tomado posses.

Idem de 17. — Portaria sobre derramas municipaes. Edital para que os grão-cruzes, commendadores e cavalleiros das tres ordens militares assistam á festividade do Santissimo Coração de Jesus no convento da Estrella.

Idem de 19. — Conta do ministerio da marinha, de julho de 1842 a junho de 1843, no importe de 74:508$552 réis.

CRUZ ESTRELLADA.

1833 No dia 9 do corrente, ao meio dia, no real paço das Necessidades, o barão Mareschal, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. I. o imperador de Austria, apresentado pelo ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, teve a honra de entregar a Sua Magestade a Rainha a insignia da Cruz Estrellada (ordem de senhoras, fundada pela imperatriz Leonor) que lhe enviou S. M. I. sua augusta avó, como chefe da familia imperial, e actualmente protectora da ordem.

CORPUS CRISTI.

1834 A procissão da cidade este anno excedeu um pouco em lusimento á dos precedentes. SS. MM., el-rei, e seus augustos parentes fizeram parte d'ella, e muitos cavalleiros das differentes ordens a acompanharam. A tropa do cortêjo ía brilhante; e as ruas do trânsito achavam-se apinhadas e vistosas.

FESTA DE SANCTO ANTONIO.

1835 O Sancto portuguez mais antigo o mais popular, não tanto pela fama de seus milagres como por seu genio folgazão, segundo o pintam as tradicções das familias, pela sua habilidade de casamenteiro e pelo seu titulo de protector do reino, tem visto n'estes ultimos annos reflorir o seu culto por um modo verdadeiramente admiravel.

As suas festas de egreja e de arrayal enchem as aldêas e as cidades. Abranger com a escripta só as principaes d'ellas seria obra cançada para quem lesse, cançadissima para quem escreve. Só apontaremos aqui a da freguezia de N. S. das Mercês de Lisboa, não á conta do apparato e decencia, com que ahi se fez a trezena do Sancto com excellente musica de capella, e a festa do dia com instrumental rasgado, Sacramento Exposto e sermão, mas pelo acto, mui christão, com que saíu coroada, dando-se um bôdo ou jantar aos pobres. O cumprimento das obras de misericordia associando-se ás magnificencias do culto sanctifica ainda mais os actos sanctos.

UM DOS MIL HUGOLINOS DO NOSSO TEMPO.

1836 No P. dos Pobres no Porto de 6 do corrente, lemos uma especie de carta que um official da Convenção de Evora-Monte dirige ao publico pedindo-lhe esmola para não acabar de morrer á mingua, e ao desamparo de medicos. Ha quatorze mezes que lhe não pagam (diz elle) e já não tem que vender.

Correm as lagrimas e ardem as faces ao ler taes palavras! — e muito mais quando se reflecte na quantidade de pessoas que teem passado e estão passando por eguaes trances!.....

A ESMOLA DE UM SOLDADO.

1837 Quinta-feira passada pela tarde, quando era maior a concorrencia das pessoas que visitavam a Sé, ou se andavam passeando as ruas por onde passára a procissão, um mendigo aleijado subia a rua da Mag-

dalena emquanto um soldado descia. O mendigo implorava a charidade dos que passavam, emquanto a maxima parte senão o todo da multidão enfeitada e folgasã passava por elle indifferentemente, vimos que um pobre soldado mettendo disfarçadamente a mão no bolso, que ía talvez ficar totalmente êrmo, e aproximando-se do mendigo lhe mettia furtivamente na mão a sua esmola, involvendo-se e confundindo-se para logo na multidão com tão dilligente e sancta cautella que o proprio esmolado ao voltar-se não póde já adivinhar, que mão d'entre aquelles centenares de mãos, o havia tão modesta e evangelicamente soccorrido. O óbolo do pobre soldado, offerecido assim, representa toda uma opulencia de charidade: não ha riqueza a quem aquella pobreza tenha que invejar. Na turba inquieta e distraída fomos os unicos, talvez, que presenceámos a acção do soldado: creriamos faltar a um dever se não a relatáramos, e offerecêramos como licção e como exemplo. Paginas inteiras de justas, repreensivas e porventura odiosas comparações nos ministraria agora aquella acção, mas essas paginas devem já achar-se escriptas no espirito dos nossos leitores: a eloquente singeleza do facto torna superfluas quaesquer ponderações. *Mendes Leal.*

TORCER CORDA PARA SE ENFORCAR.

Do *Correio Portuguez* com faculdade do seu redactor, copiamos o seguinte:

1838 O Sr. Antonio José de Araujo, morador na rua da Leira (Elvas), juiz de paz da freguezia de Alcaçova, recebeu no dia 8 uma carta remettida pelo correio de Lisboa em que se lhe dizia, que no dia 9 do corrente ás 10 horas da noite devia pôr sobre a pequena cimalha do arco do meio da rua da cadêa, 600$000 réis em oiro, senão seria morto. O Sr. Araujo aconselhou-se em segredo, e mandou pôr um pequeno embrulho com algumas chapas de chumbo no sitio designado, e em uma loja juncta ao dicto arco mandou que seus filhos, e dois amigos observassem quem ía pegar no supposto dinheiro. Á hora aprasada veem um homem embuçado passar quatro vezes juncto ao arco, e que na ultima levantava o braço para apanhar o quasi invisivel embrulho: saem de repente da casa onde estavam fazendo a espera, seguram o homem, e quem seria? O capitão de cavallaria!!!... Pediu logo que o não desgraçassem, mas não obstante foi conduzido preso á guarda da praça aonde se achava hoje ás 9 horas da manhã. — Já foi entregue á auctoridade competente.

MACROBIO.

1839 Do nosso amigo, o Ill.mo Sr. Paes, prior do Sanctissimo Sacramento d'esta cidade, recebemos a presente noticia, que por isso podemos affirmar como exacta em todas suas circumstancias.

Existe aqui em Lisboa na freguezia de Sancto Estevam da Alfama, *largo da Egreja n.º 9, 1.º* andar, um ancião de 105 annos feitos em fevereiro ultimo, por nome José Vaz. Nasceu em *Girabolhos*, bispado de Coimbra.

A sua saude, afóra algum rheumatismo que por volta dos 80 annos padeceu, tem sido constante e vigorosa. O seu viver foi sempre activo: tinha fazendas na sua terra, e até ha poucos annos, que de lá se recolheu para a côrte, para a companhia de um filho padre, administrou-as e cultivou-as por si mesmo.

Casou a primeira vez em 1770 e tantos, e pela terceira enviuvou em 1808. Filhos só teve dois da primeira mulher. Comeu sempre bem e bebeu sempre vinho sem acanhamento, mas tambem sem demasia. Ainda hoje se alimenta de tudo indistinctamente: guardando os dias de abstinencia e as quaresmas inteiras com jejum e comidas de magro. A sua bebida ao presente é mais o café, que nunca regeita, do que o vinho: — d'este só gasta meio quartilho ao jantar e meio á cêa. Nunca usou de tabaco, nem de pó nem de fumo. O seu genio foi, e é ainda iracundo, mas a sua moral é solida, e os seus costumes concertados. Arruma o seu quarto, faz a sua cama, deita-se ás 9 horas; dorme regaladamente: levanta-se ás 7. Passa a manhã nas egrejas da Sé, de Sancto Antonio e da Conceição velha resando e ajudando ás missas: se ha festa em outra parte lá acode. De tarde vae para o Lausperenne, se o tem onde possa chegar-lhe. Lê e escreve ainda sem oculos. E de todos os sentidos só o do ouvido se lhe começa a entibiar. Promette ainda vida para um par de annos.

OUTRO EGUAL.

1840 Em Carapito, concelho d'Aguiar da Beira (diz o *Jornal de Utilidade Publica*) vive um lavrador por nome Manuel da Fonseca, viuvo, forte e com 105 annos de edade. Era alfaiate, e ainda hoje faz sem oculos o seu facto. Amanha a sua fazenda, lavrando com uma juncta de bois, e ao gradar indo em cima da grade sem se agarrar a cabresto, como é uso na terra. Conserva quasi todos os dentes, e jejuou ainda a quaresma passada. Este homem admiravel nunca se alimentou de carne nem de ovos!

O ROMANTICO DEMOCRATISADO.

Extraímos do *Angrense* as duas noticias seguintes:

1841 «No dia 13 do corrente, Antonio Corvino, curtidor, já cançado de curtir pelles, e aborrecido de curtir os dias de sua existencia, quiz fazer a experiencia de curtir as tripas com meio tostão de rosalgar; de que lhe resultou, depois de muitos padecimentos, na manhã de 21 o ir destacado para o *campo da consummissão*, que n'outro tempo foi cêrca do extincto convento da Conceição. Este *romanticosinho* deixou nas garras da maior miseria uma pobre viuva e dois miseros filhinhos.»

AINDA MAIS UM ROMANTICO Á RIDICULA.

1842 «José Joaquim Martins, por alcunha o *Caneco*, morador á Carreirinha, em um dos dias da semana passada tendo umas turras (dizem) com suas cunhadas, matronassas do seculo 18, para d'ellas se vingar comprou uma porção de rosalgar, deitou-o n'agoa, e bebeu-o. Felizmente, como nem todo o liquido é para toda a vasilha, aquelle *caneco* estava mais acostumado a vinho do que a agua, e por isso estranhando o novo liquido, pediu soccorro, que applicado a tempo o livrou de ir commandar o destacamento (como cabo que foi de voluntarios) do outro romantico curtidor.»

«Ha quem diga que a *rosalgatica* tentativa do nosso *caneco* não teve outra origem mais do que uma forte paixão, por lhe terem encasquetado, no logar onde os

outros homens teem miolos, que o *cometa* denotava uma completa esterilidade nas vinhas; porém outros dizem que foi por lhe não ter ainda sido possivel lobrigar o tal *cometa!* Seja o que fôr: d'ahi lavamos as nossas mãos — o que é verdade é que ainda até hoje não houve n'esta ilha, quem tivesse a scientifica ventura de, sequer ao menos, enxergar-lhe a pontinha da cauda, vulgo *rabo* — não obstante serem varios os curiosos que por diversas noites, munidos de grossos e compridos oculos, teem com todo o cuidado andado á espreita do maganão.»

ABYSMO INVOCA ABYSMO.

1843 Em um dos dias da semana passada, um estudante em Coimbra, deu á mocidade um novo e terrivel exemplo do que podem as paixões desordenadas em animos eivados de philosophismo. Contrariado por seu irmão na infréne carreira das suas solturas, forçado por elle a renunciar habitos vergonhosos de que era escravo, carrega uma pistola, fecha-se no quarto, faz saltar o cerebro pelos ares!

«O suicidio (nos escrevia, não ha ainda muito, o nosso collaborador o Sr. R. de Gusmão relatando-nos o de outro estudante) o suicidio tem entre os alumnos da nossa Universidade bastantes apologistas.» — Na verdade dois casos taes em tão pouco tempo, conduzem necessariamente o espirito a bem tristes considerações sobre a nulla ou viciosa direcção intellectual que hoje recebem a puericia e a adolescencia. A anarchia litteraria, os perennes saturnaes em que *a imprensa licenciosa* traz os espiritos, são, não a unica, mas uma das principaes causas d'estes e d'outros crimes vergonhosos.

PADRE SANCTO.

Com licença do *Patriota* aproveitamos d'elle a seguinte noticia:

1844 «Um correspondente de Thomar nos informa «da existencia na proximidade de um charlatão a quem «chamam o *padre sancto*, que benze e esconjura a «quantos possessos se lhe apresentam de grandes dis«tancias; sendo a sua morada o local de uma roma«ria a que concorrem não só pessoas do povo, mas até «de certa classe. Pedimos ao governo que ordene ás «suas auctoridades que em tão perigosos assumptos «exerçam mais vigilancia e mais severidade.»

ARBORICIDIO.

Refére o *Periodico dos Pobres no Porto* que:

1845 «Em a noite de 28 para 29 de maio foram «alguns malvados ao edificio da Serra do Pilar, hoje «praça de guerra, e cortaram a serrote e a foice 103 «arvores que derrubaram!! Eram das melhores que «ultimamente se tinham plantado no largo e em fren«te do refeitorio!!»

Este crime é dos mais imperdoaveis, e presuppõe ainda peiores estranhas que o do homicidio; — porque a arvore não provoca — não se defende — não tem, nem póde ter outra relação com o homem senão a dos beneficios, que lhe faz, grandes, constantes, continuos e desinteressados.

Mão, que levanta um machado contra uma arvore sem motivo de necessidade ou de utilidade, devia ser decepada com o mesmo ferro, e no meio dos homens e das arvores queimada sobre as ramas da sua victima, e as suas cinzas deixadas ahi para com ellas fecundar a terra á conta do que lhe roubou.

BALLÉLAS THEATRAES.

1846 Sôa que o Sr. Emilio Doux, ainda não cessára de machinar contra a nova empreza dos Condes: e a elle se attribue principalmente a inclassificavel obstinação, com que a Sr.ª Emilia tem resistido aos convites de seus companheiros e aos desejos da imprensa e de todo o publico.

Incuravel na sua monomania de ópera lyrica, empreendeu o Sr. Emilio associar-se com alguns outros ricos para edificarem no terreno do Sr. Caldas Aulete em S. Roque uma nova casa de *pandemonium* musical, do que tiraria dois prosperrimos resultados além de outros; a saber: matar a companhia nacional por deserções, com que elle, prudente ou temerariamente, já contava, e fazer pegar á força aqui aquella engoiada planta exótica *peior tornada no terreno alheio.*

Deram-se passos, fizeram-se orçamentos, tomaram-se medidas, vendo todos os que passavam, andar com as duas pontas do cordel o Sr. Doux e o Sr. Lodi.

Com dezesseis contos — dizia-se por ahi — que se havia de fazer a obra. — E havia quem os désse. — Infelizmente para o *dó-ré* desafinado, a edificação parou antes de começada. Dizem uns que por confusão de linguas: — outros que por medo aos agoiros, do que, ha pouco, se achára onde tinham de ser os alicerces, que eram corpos de apéstados e ferraduras muito grandes: — outros finalmente que foi receio de que se não désse bem em sequeiro o novo *agrião.* Nós só dizemos que n'aquelle largo de S. Roque antes edificasse o Sr. Lodi para o Sr. Doux do que deixar-se por mais tempo a descampada ruina, que lá está.

Entretanto considerando nós o genio activo e embelezador do Sr. Caldas, que tão completa transformação operou n'aquella importante serventia do bairro baixo para o alto, vendo o que foi e o que é a calçada do Duque e suas visinhanças, cuidamos poder prophetisar que cedo a praça de S. Roque se verá completa, por aquella parte.

CURIOSA ACHADA HISTORICO-ARTISTICA.

1847 «O editor do — Artista — jornal das scien«cias e das artes, do qual brevemente se publicará o «prospecto, possue uma copia exacta do retracto da «Infante D. Beatriz, que lhe foi remettida por um dos «seus correspondentes de Italia; copiado do que exis«te na galeria dos duques de Saboia — este retracto se«rá uma das primeiras estampas que o jornal ha-de «publicar.»

A princeza, que elle representa, é hoje, — graças ao talento insigne do Auctor da *Côrte d'elrei D. Manuel*, do redemptor ou verdadeiro creador do theatro portuguez, — tão conhecida de todos nós, e tão do nosso peito, que esta apparição merece realmente as boas vindas. O publico não está menos namorado da gentil filha de D. Manuel do que nos mostrou estar o seu Bernardim Ribeiro, — ninguem deixará de querer possuir a tão poetisada imagem d'aquella D. Beatriz, que tantos apertos de saudade nos deixou no coração; quando ahi a vimos na esplendida camara do galeão Sancta Catharina, abalar-se tão triste e tão formosa das aguas e margens do seu Téjo, para uma ausencia e destêrro que já não tinham de acabar nunca.